



Dias ausculta mulher em Bambuí (1945): barbeiro (*abaixo*) infestava 80% das casas

Caça ao barbeiro

Emmanuel Dias fez as primeiras campanhas para erradicar o mal de Chagas do país

NELSON MARCOLIN



Em 1940 uma paciente com um sintoma característico da doença de Chagas – inchaço em um dos olhos conhecido como sinal de Romaña – levou Amílcar Martins, pesquisador do Instituto Ezequiel Dias, de Belo Horizonte, até Bambuí, oeste de Minas Gerais. Lá ele percebeu estar diante de um foco altamente endêmico da moléstia e avisou Emmanuel Dias e Cecílio Romaña, do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), do Rio de Janeiro, que visitaram a localidade. Foi naquela cidade localizada próxima à nascente do rio São Francisco onde ocorreram as principais experiências que permitiram combater com grande sucesso o mal no Brasil. Emmanuel Dias (1908-1962) foi o principal personagem dessa segunda fase de descobertas sobre a transmissão da doença.

Carlos Chagas causou espanto em abril de 1909 ao comunicar à comunidade científica que havia descoberto uma nova moléstia humana, seu agente (o protozoário *Trypanosoma cruzi*) e o vetor (o percevejo hematófago conhecido como barbeiro). É caso único da história da medicina brasileira de um mesmo cientista que tenha conseguido identificar os três fatores. A doença freqüentemente leva à morte em razão dos sérios distúrbios cardíacos provocados pelo *T. cruzi*.

De 1908, quando Chagas começou seus estudos, até 1940 haviam sido identificados apenas 29 casos agudos,



FOTOS ARQUIVO PESSOAL DE JCPD

Ferrovia e casas reformadas: Dias convenceu direção da rede a fazer reformas

todos no norte de Minas. Com a epidemia de Bambuú, Emmanuel Dias foi destacado para assumir as pesquisas na cidade onde identificou 80% das casas com infestação de barbeiros – na periferia, metade da população estava infectada. Em 1943 Dias instalou na cidade o Centro de Estudos e Profilaxia da Moléstia de Chagas, um posto avançado do IOC (atual Fiocruz). Mapeou o município e começou uma luta sem tréguas para eliminar o inseto. Na época, como hoje, não existia vacina ou tratamento eficaz para a doença. No total foram descritos 368 casos agudos e cerca de 10 mil crônicos da moléstia.

O barbeiro chegou a Bambuú com a estrada de ferro e a imigração. Uma vez instalado, encontrou condições ideais para se procriar: as casas eram miseráveis, de taipa ou madeira. Dias sabia que a única chance de breca a transmissão seria eliminar o vetor. Por isso experimentou todos os métodos – de lança-chamas

a gás cianídrico, de compostos de soda cáustica a querosene. “Chegou a tentar comprar barbeiros, mas eram tantos que faltou dinheiro”, conta João Carlos Pinto Dias, um dos cinco filhos de Emmanuel, pesquisador do Centro de Pesquisas René Rachou, de Belo Horizonte, e hoje diretor do centro que o pai criou. Os melhores resultados foram conseguidos com o hexaclorociclo-hexano, o BHC, inseticida posteriormente proibido.

Dias foi às escolas, escreveu artigos, trouxe autoridades federais para conhecer a cidade infestada e conseguiu melhorar o padrão de algumas casas, como a dos ferroviários da antiga Rede Mineira de Viação, por meio de alvenaria e caiação. Essas foram

Pesquisadores Valdemar Versiani (esq.), Amílcar Martins e Dias à frente de cafuas melhoradas, em 1946

as primeiras campanhas contra a doença, depois levadas adiante pelo próprio pesquisador para todo o Brasil, além de Chile, Uruguai, Venezuela, Costa Rica e Argentina, até sua morte em 1962, em um acidente de carro. “Hoje

a infestação em Bambuú é zero”, relata João Carlos. E, em 2006, a Organização Pan-americana da Saúde (Opas) certificou o país pela interrupção da transmissão da doença de Chagas no território nacional. Em agosto de 2008 o presidente da Fiocruz, Paulo Buss, proclamou Emmanuel Dias, numa homenagem pública, como o cientista que produziu o maior impacto no enfrentamento da doença.

